



## **Promovendo uma Aprendizagem Engajada e Significativa na Educação Antirracista nas Aulas de Artes Visuais**

### **Promoting Engaged and Meaningful Learning in Anti-Racist Education in Visual Arts classes**

Ismênia Maria Isidoro dos Santos<sup>1</sup>  
PROFARTES UFC

#### **RESUMO**

O artigo tem como objetivo relatar a experiência vivenciada em 2022 nas aulas de Artes Visuais do Novo Ensino Médio na escola em que eu leciono, com alunos 13 a 17 anos, em Fortaleza, Ceará, com foco na Educação Antirracista. Esta iniciativa, motivada pela observação de ofensas racistas entre alunos, é respaldada pela Lei 10.639/2003 que institui a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nos currículos da Educação Básica, promovendo aprendizado com foco central da pedagogia engajada e estimulando o pensamento crítico engajado (hooks, 2020) e significativo por meio da metodologia ativa e da Aprendizagem Baseada em Problemas. Para embasar o tema Racismo estrutural trago Almeida (2020) e para falar da democracia racial trago Santos (2022). As intervenções artísticas nesse artigo, partem dos vídeos que os discentes puderam assistir e dos debates vividos em sala de aula. Portanto, as atividades artísticas, como teatro de sombras e a confecção de bonecas Abayomi, possibilitaram uma compreensão crítica do racismo e o fortalecimento da autoestima dos estudantes.

**Palavras-Chave:** Ensino de Artes Visuais. Educação Antirracista. Relato de Experiência .

#### **ABSTRACT**

The article aims to report the experience in 2022 in Visual Arts classes within in the New High School Visual Arts classes at the school where I teach, with students aged 13 to 17, in Fortaleza, Ceará, focusing on Anti-Racist Education. This initiative, motivated by the observation of racist offenses among students, is supported by Law 10.639/2003, which mandates the teaching of African and Afro-Brazilian History and Culture in Basic Education curricula, promoting learning with a central focus on engaged pedagogy and encouraging critical, engaged thinking (hooks, 2020) through active methodology and Problem-Based

<sup>1</sup> Mestranda do Profarte da Universidade Federal do Ceará, (UFC), Graduada em Licenciatura Plena em Educação Artística Universidade Federal do Rio de Janeiro, (UFRJ), Especialista em Psicopedagogia Universidade Candido Mendes (UCAM) Professora efetiva da EEFM Arquiteto Rogério Fróes em Fortaleza/Ceará. Email [ismeniaartes@gmail.com](mailto:ismeniaartes@gmail.com) Lattes ID <http://lattes.cnpq.br/9130948562838408>



Learning. To support the theme of Structural Racism, I draw on Almeida (2020), and to discuss racial democracy, I refer to Santos (2022). The artistic interventions in this article stem from the videos students were able to watch and the debates held in the classroom. Therefore, artistic activities such as shadow theater and the creation of Abayomi dolls enabled a critical understanding of racism and the strengthening of students' self-esteem.

**Keywords:** Visual Arts Education. Anti-Racist Education. Experience Report.

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo relatar as experiências vividas junto aos alunos com faixa etária de 13 a 17 anos do Novo Ensino Médio da escola em que eu leciono, na cidade de Fortaleza/Ceará. Essa experiência foi realizada em 2022, nas aulas de Artes visuais, na disciplina eletiva do novo ensino médio com o tema de Educação Antirracista, inserida na parte diversificada do currículo.

A motivação para abordar essas questões nas aulas partiu da atuação como educadora, quando percebi as ofensas racistas entre alunos no espaço da escola, percebi que o fato estava acontecendo com frequência. Trabalhar com o tema educação antirracista nas aulas de Artes visuais seria a oportunidade de fazer leituras e assistir vídeos de racismo que acontecem no cotidiano e trazer para debate em sala de aula sobre as formas que racismo se apresenta.

Aparecendo em todos os segmentos da sociedade, o racismo estrutural, por estar arraigado na nossa estrutura, os comportamentos se manifestam de maneira institucional ou até mesmo de maneira individual. Segundo Silvio Almeida (2021) em verdade, eles derivam de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. No mesmo sentido, Ynaê Santos (2022) fala sobre a democracia racial e o racismo brasileiro em sua obra como sistema imbricado na formação do país, corroborando o argumento de que ações devem ser articuladas em nível macro.

Portanto, ao trazer essa perspectiva de "nível macro" para a sala de aula, os educadores podem ajudar os alunos a compreenderem que o racismo é um problema complexo que requer abordagens abrangentes e sistemáticas que vão além de simples discussões sobre preconceitos individuais, como esses que acontecem na escola entre eles, focando nas estruturas sociais, históricas e sistêmicas que perpetuam a desigualdade racial. Essa compreensão mais profunda



pode incentivar os alunos a se tornarem cidadãos ativos e conscientes, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Com essa experiência conheci trabalhos e exposições e instalações de artistas como Rosana Paulino, Renata Felinto, Grada Kilomba entre outros que trabalham com o resgate de memórias e empoderamento da população preta e nas redes sociais, que é uma aliada muito forte no aprendizado dos alunos, principalmente pós pandemia<sup>2</sup> onde foi o principal meio de comunicação entre professor e aluno.

A experiência relatada teve como base a Lei 10.639/2003 nas escolas, que estabelece as diretrizes e bases para a inclusão no currículo básico da temática “História africana e Cultura Afro-brasileira” juntamente com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), que na competência específica 2 de Linguagens e Códigos prevê que:

Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitar as diversidades, a pluralidade de ideias e posições e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza.

Para tanto, utilizamos a metodologia Ativa e Aprendizagem baseada em problemas que inicia-se por uma provocação, que pode ser aplicada no contexto escolar de várias maneiras, promovendo um aprendizado engajado e significativo, no caso do trabalho em questão foi enviado um vídeo pelo whatsapp sobre racismo. Tive como objetivos dessa atividade: incentivar os alunos a investigar e apresentar conclusões; encorajar a solução de problemas reais na escola ou comunidade; provocar a curiosidade sobre temas específicos como história local sobre racismo ou justiça social; utilizar a aprendizagem baseada em projetos para investigar tópicos de interesse; e desenvolver habilidades de pesquisa, incluindo a formulação de perguntas, coleta de dados e análise. Em todas essas aplicações, a pesquisa ativa

---

<sup>2</sup>A pandemia de Covid-19, causada pelo vírus SARS-CoV-2, teve impactos devastadores em várias esferas globais. Além de sobrecarregar os sistemas de saúde e causar milhões de mortes, a crise acentuou desigualdades sociais, provocou uma recessão econômica sem precedentes e desafiou governos politicamente. Culturalmente, a pandemia acelerou a digitalização e alterou profundamente as formas de interação social, deixando um legado histórico que continuará a influenciar o mundo.



promove o protagonismo dos alunos, pensamento crítico, resolução de problemas e conecta o aprendizado a contextos do mundo real, formando alunos mais autônomos e engajados. Sobre a Metodologia Ativa, é relevante ressaltar que:

Primeiro é importante conceituar o que chamamos de Metodologia Ativa, que muitos professores acreditam ser algo novo, mas que Freire já defendia há muito tempo, apenas renomearam essas ações com uma metodologia e organizaram em pequenas ações. Basicamente, a Metodologia Ativa tem o aluno como o protagonista de sua aprendizagem é ele quem irá construir o próprio conhecimento, e o professor é responsável por mediar e orientar o aluno nesta caminhada de aprendizagem. A partir disso, pode-se afirmar que esse é um conceito freireano. (Albuquerque, 2023. Mattos, 2023)

A atividade foi dividida em três partes. A primeira parte consistia no envio de um vídeo por mim, através do WhatsApp. Os alunos eram incentivados a assistir ao vídeo e a discutir entre eles em um bate-papo informal. Na aula seguinte, abrimos uma roda para debate. Antes de começar, eu estabelecia regras sobre respeito mútuo, enfatizando a importância de ouvir atentamente uns aos outros sem interrupções ou críticas negativas, e destacava a relevância da empatia, incentivando os alunos a se colocarem no lugar do colega para compreender melhor suas emoções e dilemas. Iniciava o diálogo compartilhando minhas próprias experiências de racismo, bem como histórias de pessoas que conhecia, pois “Esse fortalecimento não ocorrerá se nos recusarmos a nos abrir ao mesmo tempo em que encorajamos os alunos a correr riscos” (hooks, 2017, p.35). Ainda sobre isso, Hooks afirma que: “Os professores que esperam que os alunos partilhem narrativas confessionais mas não estão eles mesmos dispostos a partilhar as suas, exercem o poder de maneira potencialmente coercitiva” (idem).

Isso abria espaço para que os alunos se sentissem à vontade para relatar situações de racismo que tinham enfrentado, inclusive dentro da própria escola, fomentando um ambiente de compreensão e solidariedade.

A segunda parte consistia em comentar sobre o vídeo assistido pelos alunos durante a semana. Após a exibição, os alunos eram incentivados a compartilhar suas impressões e compreensões sobre o conteúdo. Durante essa discussão, eu pontuava os principais aspectos do debate, destacando e sinalizando os diferentes tipos de racismo presentes na situação apresentada no vídeo. Essa abordagem



permitia uma análise crítica e reflexiva sobre o racismo, ajudando os alunos a reconhecerem e entenderem as várias formas de discriminação racial, além de promover um espaço de diálogo e aprendizagem coletiva sobre a importância da luta contra o racismo.

A terceira parte foi a escolha do tema e a confecção das silhuetas dos personagens do teatro de sombra. Cada turma escolheu um tema relacionado a africanidade ou racismo para fazer sua intervenção artística. A primeira turma fez teatro de sombras e teve como tema o clipe da música Formation, da cantora estadunidense Beyoncé, que retrata o empoderamento negro e propõe uma reflexão sobre a violência policial sofrida pela comunidade afro-americana. A canção é considerada um dos hinos do movimento Black Lives Matter. Todas as formas de referências racistas presentes no clipe foram estudadas e pesquisadas, foi muito gratificante o resultado do trabalho, pois foi escolhido pelos próprios alunos o clipe dessa música.

A segunda turma também optou pelo teatro de sombras e escolheram falar sobre o racismo do cotidiano que um dos alunos sofreu com seu pai no shopping (figuras 1, 2 e 3). Eles fizeram um roteiro no qual um aluno narrou a história e finalizaram com uma música dos Racionais Mc's, Negro Drama.



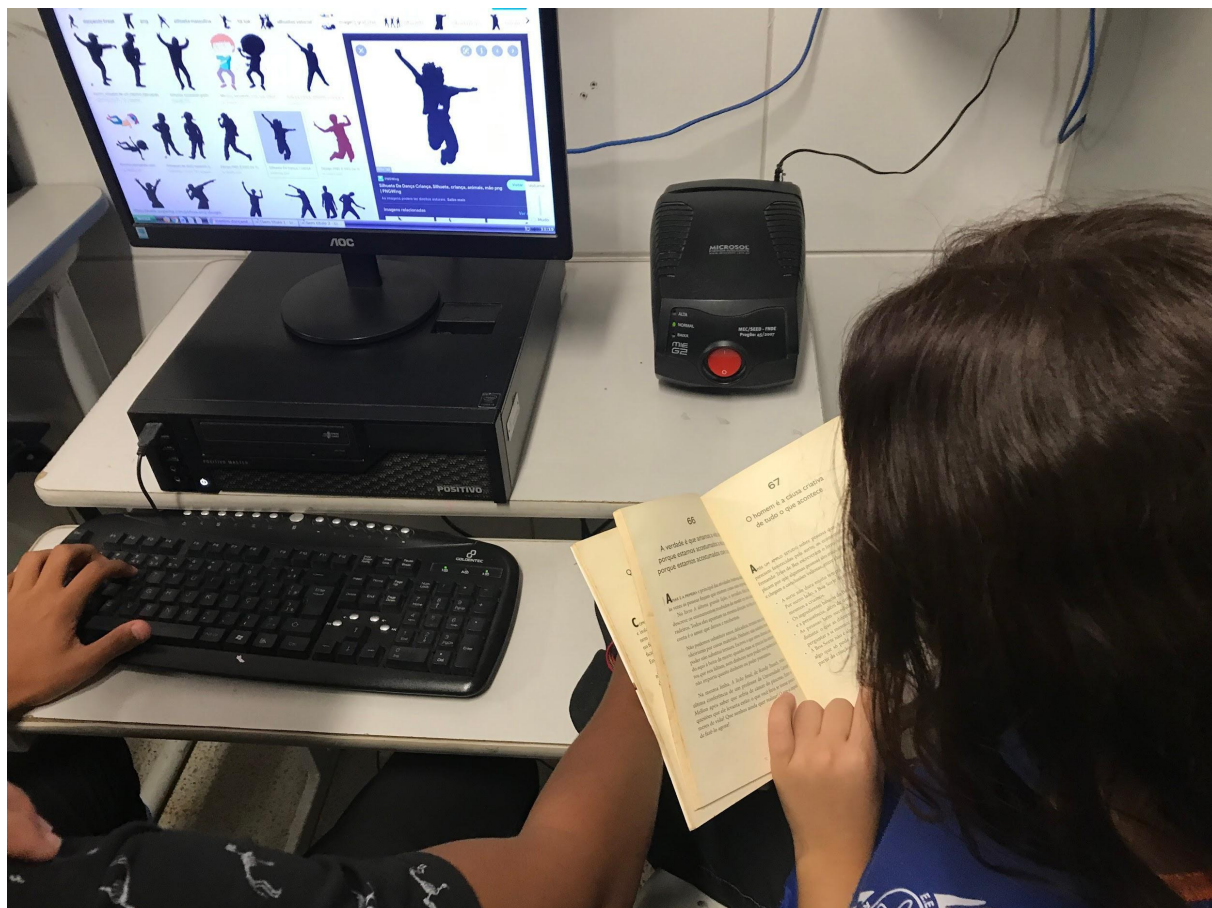
Figura 1: Estudantes pintando a caixa cênica para teatro de sombras



Fonte: acervo pessoal, 2022.



Figura 2 :Estudantes pesquisando as silhuetas



Fonte: acervo pessoal, 2022.



Figura 3: Silhuetas e material para embasamento da atividade



Fonte: acervo pessoal, 2022.

A terceira turma confeccionou as bonecas Abayomi (símbolos da resistência negra feminina), construíram um cenário com uma roda de capoeira, crianças observando e vendedora de acarajé, uma cena cotidiana (figura 4). Foi muito interessante porque todos construíram seus bonecos com muita personalidade, por ser uma turma mista em nenhum momento os meninos criaram problema pelo fato de fazer boneca, costurar etc...

As intervenções artísticas abordadas neste artigo surgem das experiências em sala de aula, onde os estudantes foram expostos a vídeos e participaram de debates sobre temas relacionados ao racismo. Tais provocações artísticas, como o teatro de sombras e a confecção de bonecas Abayomi, não apenas promoveram uma compreensão crítica das questões raciais, mas também fortaleceram a autoestima dos estudantes negros, ao passo que os estudantes não negros



passaram a compreender a trajetória de resistência do povo negro e as injustiças que têm enfrentado ao longo da história.

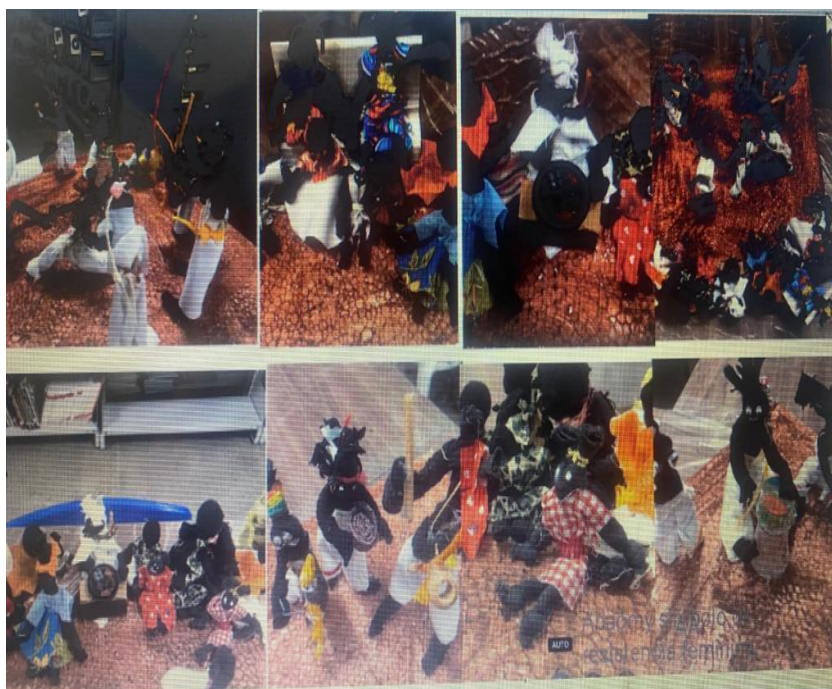
Por meio dessas práticas artísticas, os alunos foram incentivados a refletir sobre as questões que os afligem, percebendo como a arte pode ser um veículo para a expressão crítica, revelando múltiplas perspectivas históricas e contestando narrativas hegemônicas. Através da arte, esses estudantes descobriram formas alternativas de contar histórias, potencializando o alcance e o impacto dessas narrativas, dado o caráter sinestésico e inclusivo da arte.

Essa abordagem artística está em consonância com a construção política da identidade racial negra promovida pelo Movimento Negro, cujas obras visuais rejeitam estereótipos depreciativos e, em vez disso, valorizam a população negra e seus elementos culturais de maneira positiva. Ao ressaltar e enaltecer os aspectos tradicionais africanos e representar negros e negras de forma empoderada, essas experiências artísticas proporcionadas aos alunos traduzem um sentido positivo de raça. Esse significado, incorporado na arte visual, alinha-se com a legislação vigente, como a Lei 10.639/2003, que exige a inclusão da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira no currículo escolar. Desse modo, a arte constrói uma perspectiva mais inclusiva e representativa sobre a história da África e dos afro-brasileiros, desafiando a visão eurocêntrica predominante.

De acordo com Barbosa (2008), não é possível conhecer plenamente a cultura de um país sem conhecer sua arte. A autora argumenta que a arte, enquanto linguagem dos sentidos, transmite significados que não podem ser expressos por outros tipos de linguagem, como a discursiva ou científica. Portanto, a arte desempenha um papel fundamental na construção de entendimentos culturais e históricos, oferecendo uma via alternativa e poderosa de comunicação e representação.



Figura 4: Abayomis feitas pelos estudantes



Fonte: acervo pessoal, 2022

## CONSIDERAÇÕES

Ao trabalhar com diferentes formas de fazer arte, estamos criando oportunidades para os estudantes entenderem e se conectarem e compartilharem experiências deles com outros companheiros. Eles poderão enxergar o mundo de maneiras diferentes, ampliando sua compreensão sobre questões sociais e sua própria identidade. Além disso, a arte também permite que eles expressem suas próprias experiências e ideias, fortalecendo sua autoconfiança e senso de pertencimento.

Quanto ao grupo que fez o teatro de sombra sobre o aluno que sofreu racismo no shopping com seu pai, vários outros alunos fizeram relatos muito parecidos. Ao criar intervenções artísticas que valorizam personagens negras, estamos proporcionando aos estudantes uma oportunidade de se identificarem, de se verem representados na história e na cultura. Além disso, são momentos propícios para que os estudantes possam se expressar e contribuir para a



construção de uma identidade positiva, fortalecendo a autoestima dos estudantes negros. Ademais, Os estudantes não negros passam a compreender a trajetória de resistência do povo negro e as injustiças que têm enfrentado ao longo da história. os estudantes não negros passam a conhecer a luta do povo negro e as injustiças sofridas até os dias de hoje. Trabalhar o racismo fazendo uso da arte é uma ferramenta poderosa que pode ajudar no fortalecimento da Lei 10.639/2003 nas escolas.

Para bell hooks (2021,p.28) “educar é sempre uma vocação arraigada na esperança”. Essa frase me perpassa pois, assim como ela pretende, através de pedagogias progressistas, alcançar um senso de conexão, onde comunidades possam disputar um sentido de educação que rejeite os pressupostos do patriarcado capitalista imperialista supremacista branco.

Eu também pretendo como professora e pesquisadora em artes visuais, buscar e proporcionar experiências artísticas e narrativas afetivas que não apenas impactem os estudantes, mas também a mim, como educadora. Tais experiências, como as imersões realizadas por meio do teatro de sombras e a confecção de bonecas Abayomi, criam um espaço de diálogo profundo e significativo. Estas práticas permitem uma conexão emocional e intelectual, onde o processo artístico se torna um meio de reflexão crítica e transformação, tanto para os alunos quanto para mim, ao explorar e vivenciar essas expressões culturais e identitárias em sala de aula.

## REFERÊNCIAS

Almeida,Sílvio,Luiz de Racismo estrutura /Sílvio Luiz Almeida - São Paulo:Sueli Carneiro; Editora Jandaia,2021 264p.(femininos Plurais / coordenação Djamila Ribeiro)

BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez Editora, 2008

BRASIL. Lei Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História



e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n. 8, p. 1, 10 jan. 2003. [ Links ]df

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC\\_EnsinoMedio\\_embaixa\\_site\\_110518.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf). Acesso em: 6 jul. 2024.

HOOKS, Bell. **Ensinando comunidade**: uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante, 2021.

Hooks, Bell. Ensinando a transgredir a educação como prática da liberdade. 2-ed.-São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2017.

A produção de vídeo estudantil na concepção de Paulo Freire [recurso eletrônico] / organizadores Josias Pereira Gregório Albuquerque e Daniela Mattos. – Pelotas : Ed. UFPel, 2023. 113 p. il. 25,7 MB, e-book (PDF) ISBN: 978-85-60696-27-7

SANTOS, Ynaê Lopes dos. **Racismo brasileiro**: uma história da formação do país. Ed. Todavia, 2022.